



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA, AVALIAÇÃO E ATENÇÃO À SAÚDE

DESEMPREGO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Aluna: Camila Alves de Jesus

Orientadora: Prof^ª Dra. Luane Neves Santos
Coorientadora: Prof^ª Dra. Fabíola Marinho Costa

Trabalho de conclusão de curso organizado de acordo com as normas da
Revista Psicologia e Saúde

Santo Antônio de Jesus. Dezembro de 2023

**DESEMPREGO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE
LITERATURA**

**UNEMPLOYMENT AND PSYCHIC SUFFERING: AN INTEGRATIVE
LITERATURE REVIEW**

**DESEMPLEO Y SUFRIMIENTO PSÍQUICO: UNA REVISIÓN INTEGRATIVA DE
LA LITERATURA**

Resumo

Diante das incertezas e instabilidades que atravessam o mundo do trabalho na atualidade, o desemprego é uma experiência difícil de ser evitada dado ao desemprego estrutural e precarização do trabalho. Reconhecendo que a situação de desemprego pode ser geradora de instabilidade emocional, o objetivo deste artigo foi investigar de que maneira os estudos atuais sobre desemprego consideram o sofrimento psíquico das pessoas que estão desempregadas. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura a partir da base de dados PEPSIC. O descritor utilizado para a pesquisa foi *desemprego*. Faz parte do critério de inclusão que os artigos fossem na íntegra em português, publicados entre 2018 a 2022. Os sentimentos relacionados ao desemprego nas pesquisas são: desamparo, incômodo, tristeza, não se sentir bem, desespero, falta do antigo trabalho. Esses sentimentos se dão por falta de rotina, renda, previsão de uma atividade laboral e rompimentos dos vínculos. Conclui-se que, os artigos analisados não problematizam o desemprego enquanto uma vivência social e política, ficando a cargo de quem vivencia a condição de falta de atividade laboral contratual lidar com sua própria angústia e encontrar formas de evitar o desemprego.

Palavras-chave: Desemprego, Sofrimento psíquico, Precarização.

Summary

Given the uncertainties and instabilities that permeate the world of work today, unemployment is a difficult experience to avoid given structural unemployment and precarious work. Recognizing that the situation of unemployment can generate emotional instability, the objective of this article was to investigate how current studies on

unemployment consider the psychological suffering of people who are unemployed. An integrative literature review was carried out using the PEPSIC database. The descriptor used for the research was unemployment. It is part of the inclusion criteria that the articles were in full in Portuguese, published between 2018 and 2022. The feelings related to unemployment in the research are: helplessness, discomfort, sadness, not feeling well, despair, missing the old job. These feelings are due to a lack of routine, income, anticipated work activity and broken ties. It is concluded that the articles analyzed do not problematize unemployment as a social and political experience, leaving it up to those who experience the condition of lack of contractual work activity to deal with their own anguish and find ways to avoid unemployment.

Keywords: Unemployment; Psychic suffering; Precariousness.

Resumen

Dadas las incertidumbres e inestabilidades que impregnan el mundo del trabajo hoy en día, el desempleo es una experiencia difícil de evitar dado el desempleo estructural y el trabajo precario. Reconociendo que la situación de desempleo puede generar inestabilidad emocional, el objetivo de este artículo fue investigar cómo los estudios actuales sobre desempleo consideran el sufrimiento psicológico de las personas que se encuentran desempleadas. Se realizó una revisión integrativa de la literatura utilizando la base de datos PEPSIC. El descriptor utilizado para la investigación fue desempleo. Es parte de los criterios de inclusión que los artículos estén íntegramente en portugués, publicados entre 2018 y 2022. Los sentimientos relacionados al desempleo en la investigación son: impotencia, malestar, tristeza, malestar, desesperación, extrañamiento del antiguo trabajo. Estos sentimientos se deben a falta de rutina, de ingresos, de actividad laboral anticipada y de vínculos rotos. Se concluye que los artículos analizados no problematizan el desempleo como experiencia social y

política, dejando en manos de quienes viven la condición de falta de actividad laboral contractual lidiar con su propia angustia y encontrar formas de evitar el desempleo.

Palabras clave: Desempleo, Sufrimiento psíquico, Precariedad.

INTRODUÇÃO

O trabalho é um fenômeno polissêmico, tem diversas atribuições, significados e sentidos que envolvem o ser humano e sua relação com a atividade exercida. O conceito de trabalho dotado de noção instrumentalizada que lhe correlaciona à valor e manutenção da sobrevivência é algo que surge no período de mudança do feudalismo para o capitalismo, mas nem sempre o trabalho teve este mesmo valor no meio social. Antes do nascimento do capitalismo, o trabalho era tido como uma forma de penalidade, algo mais negativo que impossibilitava a evolução intelectual e humana (Tolfo, 2019; Schlindwein et al., 2021). A vertente utilitarista da prática laboral lhe associou à ética, missão e dever, de modo que o sucesso financeiro se daria por meio da dedicação ao trabalho (Zanelli et al., 2014).

O desenvolvimento do conceito de trabalho está relacionado com o desenvolvimento da própria sociedade, e na contemporaneidade se institui a relação extremamente produtiva pela qual se admite tal conotação ao trabalho. O modelo econômico social capitalista faz mudar as relações comerciais de troca e venda e o indivíduo passa a vender força de trabalho por subsistência (Peres et al, 2003). A racionalidade, o controle e a programação ganham espaço não apenas como modelo ideal de produção industrial, mas também modelo de organização social. Desse modo, o trabalho no modelo de produção capitalista engendra um sujeito monitorado em suas formas de expressão (Ribeiro & Leda, 2004).

Portanto, o trabalho é estruturante das condições de vida e de identidades. O homem se transforma e é transformado pela sua prática laboral. Deste modo, há um viés antropológico para se considerar dado que há a construção de uma persona a partir da inserção das pessoas

nos grupos, além disso, está relacionado à subsistência, desenvolvimento pessoal e bem-estar psicológico. Na sociedade capitalista o trabalho é entendido como um dever (Abs & Monteiro 2010, Schmidt Et Al., 2018 & Zanelli et al. 2014).

Atualmente, ao mesmo tempo que as pessoas tem potencialmente a atividade laboral como um valor central na vida, elas também vivem as incertezas do mundo do trabalho na contemporaneidade. O trabalho continua essencial, mas com aspectos também negativos. Atividade em que as pessoas estão vinculadas por contrato, por necessidade e como meio para alcançar objetivos,mas não necessariamente a realização pessoal. Ademais, não é garantia viver do trabalho, pois muitas pessoas encontram-se desempregadas sem perspectivas de conseguir um emprego e, por isso, se vinculam a trabalhos precários (Ribeiro&Lêda, 2004).

A condição de instabilidade gerada pelo período econômico pode fazer também com alguns trabalhadores diminuam a relação subjetiva e social com o trabalho e cooperam com a situação de uma normalidade sofrente. É possível compreender a normalidade sofrente como mais uma forma de alienação do trabalhador frente aos modos de manunetenção e fortalecimento do sistema liberalista a partir da fragilização da moralidade entre os pares, assim a normalidade não é ausência de sofrimento,mas uma forma de enfrentamento encontrada pelo trabalhador para suportar as pressões e do ambiente labora para permanecer na vaga e não se tornar apto ao desemprego (Dejoures, 1999).(p.36).

Há uma distinção semântica importante entre os significados de trabalho e de emprego. Compreende-se que o emprego é o aspecto que dimensiona o valor econômico do trabalho e o torna moeda de troca. Segundo Jahoda (1987 apud Zanelli et al., 2014), o emprego é uma especificidade do trabalho que pressupõe uma remuneração e a necessidade de está regulado por meio de um contrato. Portanto, trabalho não é, nem deve ser sinônimo de emprego. Na medida em que o trabalho se desenvolve com as mudanças propostas pelo

capitalismo vai se construindo um *modus operandi*, o trabalhador vende sua força de trabalho aos detentores dos meios de produção e, por isto, é contratualmente remunerado pela atividade que exerce.

A experiência do desemprego, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2023), é vivida por aquelas pessoas com idade para trabalhar que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) atribui a condição de desocupado àquelas pessoas desempregadas, as quais estão tentando encontrar trabalho. Por sua vez, aquelas que têm alguma fonte de renda própria são pessoas ocupadas, a exemplo dos pequenos empreendedores (IBGE,2018).

Troyano (1992) apresentando os dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, propõe algumas noções para a situação de desemprego, a saber: desemprego aberto que se refere a pessoas que estão a procura de trabalho e sem atividade; desemprego oculto pelo trabalho precário que está relacionado ao exercício de alguma atividade de forma descontínua e irregular e; por último, o desemprego oculto por desalento referente a condição das pessoas que tendo procurado trabalho durante longo período deixaram de fazer por desmotivação diante de tentativas frustradas.

A degradação do estatuto do emprego na atualidade vem descortinando novas formas de exploração do trabalhador, as quais geram precarização do trabalho e adoecimento, alguns exemplos são as jornadas mais longas, instabilidade, aumento dos riscos de trabalho, jornada duplas, subcontratações entre outras condições de precarização(Macêdo et al 2019). Assim como mudaram as relações trabalhistas na passagem do feudalismo para o capitalismo, a partir da década de 1970 o neoliberalismo estremece as garantias contratuais que dão segurança ao trabalhador, favorecendo a precarização e diminuição da influência do Estado. A

intenção era buscar a recomposição da hegemonia capitalista e fazer frente ao fortalecimento sindical das décadas de 1940 a 1960, o chamado anos dourados (Antunes & Pochmann, 2007).

Os principais caminhos utilizados pelo sistema neoliberal para se fortalecer são as privatizações e a terceirização de vários setores, condições que são preditoras para o desemprego estrutural, o qual envolve dispensa de profissionais. Com este sistema o mercado financeiro passa a ser dominado por leis fiscais, e ocorre um vasto enxugamento no quadro de funcionários das empresas, o que favorece ao desemprego, perda de direitos e adesão ao subemprego.

Com este modelo também se engendra a desespecialização multiprofissional por parte do trabalhador, o qual sofre revés da tecnologização do trabalho e, por consequência, a sua atuação acaba se tornando descaracterizada e polivalente. Diante desses fatores, pode se falar na erosão do trabalho estável, desemprego estrutural e precarização como realidades atuais para o mundo do trabalho (Antunes & Pochmann, 2007). Assim, é possível afirmar que os conceitos de emprego e desemprego estão relacionados à reestruturação produtiva proposta pelo liberalismo e neoliberalismo.

Como consequência da diminuição de papel do Estado ocorre a desregulamentação globalizada, com impactos nas formas de bem estar social, a qual pressupõe privatizações e terceirizações, além de miséria e sofrimento social (Araújo, 2019). Os trabalhadores brasileiros vivenciaram a intensificação das retaliações do mercado de trabalho quando houve a alteração no sistema de regulação social do trabalho em 2017, momento em que a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) sofreu alterações em muitos pontos. As alterações fizeram aumentar no país os retrocessos como, por exemplo, perda de direitos sociais e trabalhistas, instabilidade e insegurança em relação a manutenção do emprego, o que ficou

refletido nas altas taxas de desemprego, que chegaram a 13,2% em 2021 e a Pandemia da Covid 19 amplifica o período de horror para os trabalhadores (Schlindwein et al., 2021).

O desemprego, enquanto condição de pessoas que estão sem atividade remunerativa contratual, é algo difícil de ser evitado e vem sendo muito debatido no Brasil devido a grande ocorrência. Atualmente a taxa de desemprego nos primeiros três meses de 2023 foi de 8,8% (IBGE,2022). Essa porcentagem de desempregados é reforçada também pelo processo de tecnologização do trabalho que ocorre sem haver necessariamente o fomento da capacitação dos profissionais excedentes. Tal situação expõe o desemprego estrutural, a precarização do trabalho e abre caminhos para a informalidade devido aos poucos postos de trabalho (Figueredo & Filho,2021, Macedo et al 2018 & Tolfo, 2019).

É importante salientar que a queda do desemprego ocorreu devido ao aumento da ocupação informal e do número de trabalhadores por conta própria, os dados da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio Contínua (PNAD Contínua) demonstram que a precarização aumentou em quase todos os setores de trabalhos seja setor público, privado ou doméstico. Portanto, a porcentagem vem diminuindo mas não está relacionado com a alta de empregos formais, tendo em vista que as maiores médias anuais em mil pessoas estão no público das pessoas autônomas (IBGE, 2023).

Trabalho e emprego têm uma centralidade na vida das pessoas, contudo, estes dispositivos vêm sendo um ponto de reforçamento da alienação do trabalhador diante das reconfigurações do modelo capitalista. A própria desregulamentação dos direitos sociais dos trabalhadores com vistas à diminuição dos custos com contratação expõe o trabalhador à falta de proteção dado a desresponsabilização do Estado. Tal situação faz com que a maioria da população se torne cada vez mais excluída dos espaços de trabalho formais e seja empurrada para a informalidade e precariedade, situações contextuais que abre margens para a

exploração do trabalho infantil, venda proibida de animais, estabelecimentos clandestinos, trabalho ambulante, o trabalho com reciclagens e tantas outras formas de driblar o desemprego(Beatriz,2010).

O trabalhador vive a pressão da multifuncionalidade e a necessidade de ser polivalente pois, do contrário, o fim mais provável é a demissão, este é um quadro que dá margens à exploração. Algo relevante a ser observado é a perda da capacidade de defender seus direitos coletivamente para fins próprios, precisam aprender a trabalhar em equipe, mas direcionando tais habilidades para o crescimento organizacional e não para a luta por direitos e preservação da saúde mental. Então o processo de crescimento econômico e industrialização também reflete na capacidade de articulação política do trabalhador(Beatriz, 2010).

De acordo com o relatório sobre saúde mental global apresentado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2017), pessoas em condição de pobreza, desemprego e submetidas constantemente a estresse apresentam risco aumentado de se tornarem deprimidas, sendo que as mulheres têm maior alerta para condições de depressão e ansiedade. Ao analisar o sofrimento psíquico dos trabalhadores em situação de desemprego, Schlindwein et al. (2021), identificam elevadas prevalências de transtornos mentais comuns, como sintomas depressivos, ansiosos e somatoformes, entre trabalhadores em situação de desemprego. O estudo ainda afirma que existe uma correlação entre o desemprego e o desencadeamento de desajustamento emocional que afeta principalmente a identidade e autoestima.

A instabilidade emocional aumenta pelo fato das pessoas desempregadas se sentirem excluídas da organização social. Portanto, é válido refletir sobre as variáveis de ordem social que engendram modos de subjetivação e, assim, compreender as possíveis causas de sofrimento do sujeito (Safatle et al 2018). Ficar desempregado, algo muito provável no modelo de funcionamento social capitalista, é uma exposição diante de si mesmo e frente à

sociedade que cobra produção do sujeito e objetifica sua ação. O desemprego precisa ser reconhecido como a ausência de um importante mediador social, sem o qual há sensação de ter sido retirado de um lugar de segurança significativo que leva à construção de relações sociais e bem estar subjetivo (Araújo, 2019; Oliveira, 2018; Tolfo, 2019).

O sofrimento começa a ser notado quando o trabalhador se vê às margens da situação de desempregado, e a insegurança diante da possibilidade dessa vivência acarreta consequências materiais e efeitos psicológicos (Schlindwein et al., 2021). Segundo Dejours (1996 apud Oliveira e Mendes 2014), há uma diferenciação entre sofrimento patológico e criativo. O sofrimento criativo favorece a saúde e produtividade por promover transformação e resistência à desestabilização do sujeito. Já o sofrimento patológico está relacionado a alguma condição desfavorável à saúde que deixa o sujeito adoecido ou em vias de adoecimento.

Os principais indicativos para um quadro de sofrimento psíquico decorrente da situação de desemprego é a presença de sentimentos de preocupação, frustração, nervosismo, tristeza, medo, raiva, ansiedade, desesperança, desânimo, angústia, impotência e relatos de autoestima baixa (Schlindwein,2021). Em uma pesquisa realizada por Oliveira e Mendes (2014), observou-se maior expressão do sofrimento patogênico em detrimento do sofrimento criativo em pessoas desempregadas, sendo aquele relacionado à desvalorização, inutilidade e improdutividade. As estratégias de defesa frente ao sofrimento patogênico é a negação ou o desenvolvimento de ações práticas, como fazer muitas atividades tidas como “bicos”, que deem conta da angústia gerada pela situação. Ou seja, o sujeito nega a sua condição buscando adaptação (Beatriz, 2010).

Para entender que alterações na saúde mental podem ser engendradas por categorias sociais é preciso admitir as oscilações dos estados emocionais e ultrapassar as limitações

epistemológicas do saber psiquiátrico-psicológico, pois os sintomas não estariam separados dos modos de expressão da subjetividade social (Amarante, 2007).

Safatle et al., (2018) cunham o termo patologias sociais para discutir a maneira como categorias clínicas participam das vivências sociais. Para os autores as patologias devem ser compreendidas como categorias que descrevem modos de participação social, clínica e a crítica social estariam correlacionadas. Desta forma, a presente pesquisa se propõe investigar a partir de uma revisão integrativa de literatura de que maneira os estudos atuais sobre desemprego consideram o sofrimento psíquico das pessoas desempregadas porque fica evidenciado que determinadas condições sociais são produtoras de sofrimento.

MÉTODO

O presente estudo realizou uma revisão integrativa da literatura que, segundo Sousa et al (2017), é um método composto por seis fases com o objetivo de elaborar uma síntese do conhecimento a ser estudado. Além disso, é um método de investigação que permite a incorporação das evidências através de uma compreensão do assunto pesquisado dentro de um recorte temporal. Nesse sentido, é um método de união de resultados para compreender o estado da arte de um dado fenômeno, por meio de uma metodologia ampla que permite a inclusão de estudos empíricos e teóricos na avaliação (Souza,2010).

A primeira fase da análise integrativa trata sobre a identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa que dará o norte para elaboração da revisão integrativa. Este estudo se estrutura a partir da seguinte pergunta de pesquisa – De que maneira os estudos atuais sobre desemprego consideram o sofrimento psíquico das pessoas que estão desempregadas?. A revisão integrativa se torna um caminho adequado porque permite reunir conhecimentos sobre um tópico ao identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos

independentes, além de buscar as semelhanças e diferenças entre as referências encontradas e contribuir para a construção do conhecimento sobre o tema (Souza, 2010).

Como segundo passo da revisão integrativa, foram estabelecidos os critérios para inclusão e exclusão de referências no estudo. Foram definidos como critérios de inclusão artigos de língua portuguesa, disponibilizados gratuitamente pelo Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePsic), publicados nos últimos cinco anos (entre 2018 a 2022).

.Como critério de exclusão considerou-se a permanência apenas de artigos na íntegra que retratem a temática referente à revisão integrativa, a saber, que trabalhassem diretamente o sofrimento psíquico em pessoas desempregadas e artigos. Na base de dados do PePsic foram encontrados 91 artigos a partir do descritor “desemprego”, dos quais 75 dos artigos triados estavam fora do recorte temporal e por elegibilidade 16 artigos foram escolhidos para leitura de título e resumo. Um total de 08 artigos permaneceram como base de dados desta pesquisa por atender especificamente o objetivo desejado, e 8 artigos foram excluídos por se afastarem dos objetivos.

Ainda de acordo com Souza et al (2010), a terceira etapa é composta por análise dos dados por meio de instrumento previamente elaborado que irá contribuir para o levantamento dos dados importantes. Essa pesquisa foi organizada por meio de Planilha em Excel composta por 14 itens, entre eles: número na pasta selecionados, nome do periódico, referência, título do trabalho, tipo de publicação de autores, autores, gênero dos autores, vinculação institucional dos autores ano de publicação, região do país, natureza da pesquisa, assunto principal, população estudada, objetivo, metodologia e resultados. O instrumento permitiu a extração de dados relevantes, além de contribuir para garantir a precisão, checagem de informações e para evitar erros de transcrição.

Segundo Souza et al., (2010), a quarta fase da análise integrativa corresponde à análise crítica dos estudos incluídos, é o momento de organização para ter conhecimento do rigor e característica de cada estudo. A quinta fase de análise integrativa houve a comparação dos achados, delimitação das prioridades do estudo, além de apresentação das conclusões, inferências e lacunas. A sexta fase se deu através da apresentação da revisão integrativa, foi necessário que as informações estivessem detalhadas, reduzidas, expostas para serem comparadas assim como expresso pela TABELA 1. (Artigos incluídos na pesquisa por correlação entre desemprego e sofrimento psíquico) a qual permite a identificação de padrões, diferenças e a sublocação desses tópicos como parte da discussão geral. Nesse estudo a categorização se deu a partir do problema de pesquisa e por características presentes na amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 apresenta características dos artigos selecionados com informações acerca de título, autores, ano, objetivos e resultados. Os estudos foram realizados em sua maioria nas regiões sul e sudeste, sendo que apenas uma pesquisa faz delimitação das categorias de gênero, a base de dados também tem maior concentração de publicação entre os anos de 2018 e 2019. A amostra foi composta em sua grande por uma abordagem qualitativa e método empírico, exceto o artigo de Oliveira, (2018) por realizar levantamento bibliográfico e o escrito por Miranda, (2021) que realizou pesquisa com o método misto (qualitativo-quantitativo). Os artigos selecionados tratam sobre o reflexo do desemprego dentro de diferentes grupos pesquisados. Assim, foram construídos dois eixos de análise para apresentação dos dados: sentimentos e sentidos diante da condição de desemprego e vivência da informalidade mediante o desemprego.

Os sentimentos e sentidos diante da condição de desemprego

Está se tornando cada vez mais reconhecido através das pesquisas na área de saúde mental e trabalho que o desemprego é um vetor que impacta as pessoas que estão nesta condição visto às mudanças psíquicas, estruturais e sociais que promove.

De acordo com Schlindwein(2021) pessoas sem atividade laboral contratual vivem o desequilíbrio na vida financeira assim como na autoestima. Promover uma análise integrativa que reflita a situação psíquica e o desemprego orienta o recorte teórico desta pesquisa, portanto, este eixo de análise estará imbuido em compreender os sentimentos e sentidos diante da condição de desemprego à luz dos artigos componetes da base de dados desse referencial de literatura.

A literatura apresenta uma correlação entre o desemprego e o desencadeamento de desajustamento emocional. O trabalho tem um sentido de centralidade na vida das pessoas, de modo que sua falta ou perda colabora para a destituição da saúde psíquica (sentimentos de insegurança, medo, solidão, instabilidade). O sofrimento psíquico decorrente desse mal estar existencial se soma ao sofrimento social que diz sobre uma “dor que não é localizada” e que repercute na saúde mental das pessoas (Schmidt et al, 2018). Quando realizado com sentido, o trabalho pressupõe valorização, satisfação e desenvolvimento de competências, já a ausência de trabalho é correlacionada à falta de renda, mas, sobretudo, a um deslocamento da participação social, surgimento de incertezas, discriminações e visão distorcida de si mesmo (Figueiredo; Filho, 2021; Coelho-Lima et al 2019; Schmidt et al 2018).

A pesquisa realizada por Schmidt et al (2018) avaliou o nível de sofrimento psíquico e social de trabalhadores desempregados do estado de São Paulo e identificou altos níveis de ansiedade, angústia, tristeza e desânimo. Os resultados também seguem nesta direção na pesquisa realizada por Figueiredo e Filho (2021) que ao estudar homens em situação de

desemprego revelou sentimentos como tristeza, vergonha, ansiedade, medo, insegurança, medo, estresse e desânimo, o que reafirma sofrimento psíquico diante da situação de desemprego.

Os resultados da pesquisa de Schmidt et al (2018) indicaram temor dos participantes em não encontrar outro emprego e a insegurança sendo porta para o sofrimento, além de apresentarem sentimento de vergonha por estarem em uma condição social desfavorável. Fica posto que o desemprego é um problema que gera alterações individuais e coletivas, além de estar associado a perda de identidade resultante da precariedade psicológica que a situação desencadeia. É válido ressaltar que, quanto maior o tempo de procura por uma recolocação, maiores as chances de aumentar o isolamento social, tomando como mecanismo de enfrentamento e/ou fuga a aceitação de vínculos de trabalho sem contratos, com ofertas insatisfatórias e ganhos insuficientes (Figueiredo & Filho, 2021; Macedo et al, 2019).

A pesquisa realizada por Miranda et al (2021) que avalia os aspectos cognitivos, emocionais e a dialética entre indivíduo e o meio relacionados ao processo de demissão entre trabalhadores desempregados da cidade de Trairi, Rio Grande do Norte, indica que não há uma homogeneidade acerca dos sentidos e sentimentos desse processo justamente porque mesmo existindo a normativa para os desligamentos não há um protocolo para a demissão como, por exemplo, o aviso-prévio, ou mesmo a construção de um projeto para o pós-demissão, além de que cada pessoa interpreta de uma forma diferente.

Os participantes da pesquisa consideram que a comunicação prévia da demissão, a esperança em uma nova fonte de renda e a valorização de outras esferas da vida amenizam os efeitos negativos da situação aviltante que é a possibilidade de ser demitido. A forma como ocorre a demissão e as experiências do cotidiano no trabalho organizam os sentimentos e

memórias acerca demissão, ademais a desvinculação progressiva com os colegas de trabalho permite amenizar o conflito instalado.

Uma rede social de apoio da família e de amigos seja no momento da demissão seja posterior a esse período é considerado positivo possibilitando um impacto menos expressivo no que tange ao sofrimento social. Contudo, as consequências psicológicas foram apresentadas com maior impacto gerando impacto na saúde mental, uma vez que o desemprego é uma condição que lança o sujeito na desproteção social (Figueiredo;Filho 2021).

É importante ressaltar que o perfil sociodemográfico pode ser relevante na análise da avaliação sobre sofrimento social, pois a maioria dos participantes eram adultos jovens e com menos de um ano em situação de desemprego, o que se configura em possibilidade de suporte social e fatores de proteção para o público estudado. O apoio social foi ainda mais expressivo quando o público da pesquisa foi majoritariamente masculino (Miranda et al 2021; figueiredo & filho 2021).

O emprego tem a função social que é permitir a participação na esfera econômica e de consumo, a integração social e cívica, além de garantias estatutárias, portanto, a ausência dessa possibilidade gera insegurança (Macedo et al., 2019). A reestruturação produtiva do trabalho tem como uma das suas facetas a redução de custos, a informalidade e a precarização do trabalho, empurrando uma grande parcela ao desemprego que é um forte dispositivo de organização psíquica (Miranda et al., 2021).

Os resultados da base de dados apresentados nesse eixo de análise corroboram com os achados da pesquisa de Schlindwein(2021) e Bratriz (2019) as quais revelam que o desemprego é um dispositivo que torna a vida do indivíduo vulnerável ao sofrimento já que é mobiliador sentimento de humor depressivo/ansioso e diminuição da energia vital, algo que

afeta a identidade deixado em risco a própria saúde psíquica. Sendo assim, esta será mais uma pesquisa com a responsabilidade de apresentar a sociedade justificativas para realização de ações que foquem nos riscos psicossocais relacionadas também à situação de desemprego.

Vivências da informalidade mediante a condição de desemprego.

O desemprego tem tido quedas progressivas, o que pode representar um equilíbrio, mas o número de pessoas desocupadas ainda é alto e atravessado por problemas concernentes ao capitalismo flexível e desemprego estrutural. Frente a tal situação se torna relevante o desenvolvimnto do eixo de análise referente as vivências da informalidade mediante a condição de desemprego.

A produtividade é uma característica compartilhada na sociedade contemporânea, a qual não admite desaceleração e improdutividade, nela o sujeito está “à mercê do seu próprio empreendimento”, portanto, trabalho é uma necessidade por garantia de sobrevivência e bem estar (Macedo et al, 2019). Esse cenário de instabilidade tem potencial mobilizador para interferir na organização coletiva e individual das experiências sociais do sujeito que vivencia o desemprego. Os trabalhadores do setor informal, que produzem bens e serviços, estão atuando mesmo sem as seguridades que um contrato formal promoveria, realizando atividades por conta própria e em vínculos que não exijam níveis muito elevados de qualificação como, por exemplo, vendedores ambulantes, donos de pequenas unidades produtivas (Schmidt et al., 2018).

A pesquisa apresentada por Figueiredo e Filho (2021) realizada com 200 participantes do município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, demonstrou que a maioria deles estavam na informalidade ou buscando atividade que não exigem níveis altos de formação ou mesmo experiência. Aqueles em situação de desemprego aberto aceitam qualquer proposta de emprego e remuneração, mas ainda assim não são encaminhadas para vagas de trabalho, nem

mesmo conseguem entrevista de emprego e, paradoxalmente, quando surgem vagas apresentam como requisitos um nível de exigência, qualificação e escolaridade altos.

O cenário de incertezas quanto ao mercado de trabalho faz com que os trabalhadores enxerguem na informalidade uma saída possível, uma brecha de sobrevivência para enfrentamento do desemprego. Vale tudo na luta por reconhecimento em face a sensação de desprivilegio sentida pelas pessoas desempregadas, até mesmo se utilizarem das redes sociais como o Facebook ou mesmo o LinkedIn para construir uma imagem positiva e padronizada de si mesmo. Uma imagem a qual continue sendo objeto de identificação por parte da cultura, que geralmente descarta pessoas fora da lógica do capital (Júnior & Ribeiro, 2020). Os motivos que sustentam a inserção em trabalhos precários são os mais diversos. Incluem, neste sentido, desde fugir da condição socialmente indesejável de desemprego que, segundo Junior e Ribeiro (2020), aproxima o sujeito de sua incompletude e da impossibilidade de uma satisfação existencial plena; até o desejo de não permanecer submissos a regimes rigorosos e inflexíveis e, principalmente, conquistarem maior autonomia e liberdade, garantia de sobrevivência de si e da família e potencial decisório (Lima, 2019; Oliveira, 2018).

Na pesquisa de Macedo (2019), realizada com a categoria dos mototaxistas, se observou que os trabalhadores a fim de se manterem atuantes na lógica de produção capitalista enfrentam jornadas longas de trabalho que impedem a dedicação a outras atividades. Além disso, existe a exposição diária que aumenta o risco de enfrentarem acidentes de trabalho e a seguridade social ou políticas públicas que lhes deem algum tipo de benefício e proteção mínima (macedo et al, 2019).

Segundo Oliveira (2018), possuir vínculos precarizados não é uma exclusividade daqueles com níveis de escolaridade baixa, pois pessoas de variadas instruções e condições sociais estão ocupando as mais diversas vagas de trabalho. A instabilidade é temida até

mesmo por pessoas que concluíram o nível superior, haja vista que a qualificação profissional é tida como um caminho para a ocupação de vagas, mas não garante inserção no mercado de trabalho e reforça a condição de desemprego entre jovens. Destituído de um lugar socialmente desejável, os recém formados se angustiam devido às incertezas em relação ao futuro, além de apresentarem sentimento de vergonha por depender financeiramente da ajuda de terceiros e baixa autoestima por não conseguirem apresentar resultados esperados socialmente.

Uma discussão importante apresentada por Figueiredo e Filho (2021) é acerca das pessoas que não dispõem de uma formação adequada sendo a inclusão operacional precoce colocada como principal impedimento de continuidade nos estudos. A inclusão precoce em atividades laborais pode levar a menores chances de qualificação e reprodução da pobreza, haja vista que menor permanência na escola dificulta o processo de qualificação intelectual e profissional que pode repercutir em menor perspectiva de renda futura.

Se tratando da realidade de pessoas que se deslocam fazendo migrações em busca de melhores condições de vida e de trabalho, Lima (2019) investigou o processo migratório de 38 haitianas para o Brasil e o autor concluiu que, a migração é um processo oneroso no qual as dificuldades se sobrepõem. Além de desemprego apresentavam baixo domínio linguístico, o que implica tanto na conquista de vagas como no acesso à saúde no território nacional, aumenta o isolamento social e a necessidade de rede de apoio, fatores que interferem diretamente na saúde física e mental. Um outro elemento é referente à vivência de preconceito exposto por episódios xenófobos, além da colocação em trabalhos precários e subemprego no país.

Em várias vertentes, os trabalhadores informais estão precarizados, destituídos não apenas das garantias formais, mas também das sociabilidades, precisam estar em constante mudança e isso afeta os laços. Macedo et al (2019), usando os espaços físicos como metáfora,

aborda acerca das subjetividades constituídas no que ele chama de corredores de circulação, no qual as interações são construídas na fluidez e rotatividade tal qual a prática laboral. Não há um lugar fixo para o contato entre pares, tudo é precarizado, informal e efêmero, demarcado pelo abrandamento ou distanciamento dos vínculos estáveis (Miranda et al, 2021).

A consciência acerca das dificuldades do mundo do trabalho gera uma mudança de paradigma em relação às crenças sobre desemprego, condição percebida não só pelo viés individualista, mas também relativo ao panorama econômico nacional, conforme apontado por Coelho-Lima et al (2019). Ter essa noção pode diminuir os níveis de autculpabilização diante da situação de desemprego, ainda que a forma de lidar com a situação seja na perspectiva de individualização, já que o um engajamento cultural para enfrentamento coletivo da situação do desemprego é uma característica de enfrentamento a ser desenvolvida.

A forma de significar o desemprego também é culturalmente estabelecida, devido ao valor socialmente atribuído ao trabalho, vale ressaltar que independente da região pesquisada, os resultados se assemelham em alguma medida. Além dos significados atribuídos ao momento os modo de precarização também são similares uma vez que estão todos inseridos organização capitalista compartilhando a universalidade no modo de se organizarem (Coelho-Lima et al, 2019).

Salvaguardando as idiossincrasias de cada grupo pesquisado, e reconhecendo que apesar das similares o desemprego não é um fenômeno homogêneo, os estudos permitem afirmar que há uma tendência em se considerar o desemprego como uma situação que gera sentimentos negativos. Os sentimentos relacionados ao desemprego nas pesquisas aqui apresentadas são: desamparo, incômodo, tristeza, não se sentir bem, desespero e saudades do antigo trabalho. Esses sentimentos se dão por falta de rotina, renda, previsão de uma atividade laboral e rompimentos dos vínculos entre outras questões já mencionadas anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desemprego pode ser um vetor para desencadeamento de sofrimento psíquico dado os efeitos deletérios que essa condição impõe. As principais alterações percebidas que indicam sofrimento psíquico são: sentimentos de insegurança, medo, solidão e instabilidade (Schmidt,2018). Em tais condições os sujeitos admitem estratégias defensivas de negação para moldar a realidade, como isolamento, desconfiança e individualismo, sentimentos que variam proporcionalmente ao tempo do desemprego (Figueiredo; Filho, 2019; Schlindwein et al.,2021).

Os artigos analisados não problematizam o desemprego enquanto uma vivência social e política, priorizando a exposição da experiência do sujeito a partir do conteúdo enunciado, reforçando a responsabilidade que fica à cargo de quem vivencia o desemprego lidar com sua própria angústia e encontrar formas de evitar o desemprego, essa situação acaba potencializando o sofrimento devido a instabilidade. Cabe salientar que, há fragilidade na intermediação da força de trabalho, na cooperação por parte das iniciativas públicas e privadas na condução desse processo, bem como na construção de políticas governamentais que deem suporte às pessoas em situação de desemprego (Coelho-Lima, 2019; Oliveira, 2018)

De acordo com o estudo realizado por Magalhães e Gomes (2018), as maiores publicações na área da saúde mental até 2016 apresentam uma lacuna na literatura sobre desemprego e saúde mental no campo da Saúde do Trabalhador, concluindo que o campo precisa refletir mais sobre aqueles trabalhadores informais e desempregados. O mesmo é apresentado por (Schlindwein et al.,2021) que também afirma sobre a necessidade de produções acadêmicas sobre o tema do desemprego para além dos períodos de recessão econômica.

Desta forma, os autores sugerem que o tema do desemprego seja incluído nas produções sobre políticas públicas e também numa perspectiva da saúde e não da doença, além de necessidade sobre uma mobilização coletiva para fazer frente ao fenômeno do desemprego que ainda é vivido a partir de uma perspectiva muito individualizada.

Apesar das características idiossincráticas de cada grupo populacional estudado em diferentes regiões do país, as pessoas desempregadas compartilham tanto os processos de precarização quanto as significações desse momento da vida. É válido ressaltar que, apesar de haver variação no gênero da população pesquisada os artigos de inclusão da revisão integrativa não enfatizam uma leitura do desemprego demarcando a interseccionalidade como categoria de análise. Reconhecendo os efeitos do racismo estrutural que atravessa a sociedade, é necessário evocar expressivamente as condições de classe, raça e gênero nas pesquisas acadêmicas porque este é um fator que interfere diretamente e qualidade de vida de determinados grupos populacionais e pode ser favorável à garantia de direitos.

De acordo com os dados o IBGE (2023), a divisão do trabalho aparece com grandes disparidades no país, por exemplo, a região Norte e Nordeste é onde se encontram as maiores taxas de desocupação e onde o maior número de desalentados é formado por pessoas pretas, pardas e aqueles com até o ensino fundamental completo ou equivalente. É possível compreender por meio os dados que o perfil da ocupação das vagas é marcado por um recorte racial, sendo que o racismo estrutural é um dispositivo que colabora para a retenção do acesso à oportunidades. Este é um cenário preocupante pelo nível de vulnerabilidade que desencadeia e faz um alerta para a necessidade de construção de políticas públicas de suporte as pessoas desempregadas, principalmente para as pessoas negras e para as mulheres.

É importante chamar atenção para a condições das mulheres negras no mercado de trabalho, pois foram o grupo que somam as maiores taxas de desemprego, as que mais

apresentam quedas entre as pessoas ocupadas, que possuem menores rendimentos médios e estão abaixo apenas dos homens negros em relação a informalidade. Mesmo com melhores ritmos da atividade econômica a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho ainda é a mais difícil (Feijó,2022).

REFERÊNCIAS

- Abs.D.,Monteiro.K.J.(2010).Práticas da psicologia clínica em face do sofrimento psíquico causado pelo desemprego contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 2, p. 419-426.
- Amarante.P.(2007). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Editora Fiocruz.Rio de Janeiro.
- Antunes, R.,Pochmann.M.(2007). A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil.In: *Produção de pobreza e desigualdade na América Latina*.Ed. CLACSO. p.195-209.

- Araújo, J. N. G. (2019). Desemprego. In: *Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações* (pp 279-285). (Org.). BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Belo Horizonte: Editora Artesã.
- Beatriz.M.(2019). O trabalho, a repressão e o mal-estar do trabalhador:algumas reflexões.*Revista Mal-estar e subjetividade*. Vol. X. Nº 4 p. 1107-1129.
- Coelho-Lima,F.,Teixeira.C,R,M.,Lima.S,L,K., & Medeiros. G, L,A(2019).As vivências do desemprego entre trabalhadores no interior do Rio Grande do Norte.*Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2019, vol. 22, n. 1, p. 99-115. .Doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i1p99-115
- DIEESE (2023). Departamento Intersindical de Estatísticas e de Estudos Socioeconômicos. Recuperado em: 21 de novembro de 2023, de <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/populacaoNegra.html>
- Dejours, C. (1999). *A banalização da injustiça social*. (2.ed). Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- Feijó. J. (2023). A participação das mulheres negras no mercado de trabalho. Recuperado em 08 de novembro de 2023 de <https://portal.fgv.br/artigos/participacao-mulheres-negras-mercado-trabalho>.
- Figueiredo, N,C.V.,&Filho, R,R,C.P(2021). Precarização Social e Fragilização Psíquica na Situação de Desemprego Severo no Município de Corumbá, Brasil.*Estudo. Pesquisadora*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 437-453, 2021. Doi.org/10.12957/epp.2021.61050
- IBGE (2023) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.PNAD_continua_retrospectiva_2012_2020.pdf. Recuperado em 20 de Novembro de 2023 de https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaquas_PNAD_continua/2012_2020.

- IBGE (2023). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desemprego. Recuperado em 01 de Agosto de 2023 de <https://www.ibge.gov.br/explica>
- IBGE (2018). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desafios do mercado de trabalho alimentam debates sobre direitos. Recuperado em 08 de novembro de 2022 de <https://www.google.com/url?q=https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/>
- Junior,B,C.A.,& Ribeiro.A.M.(2020). A Ferida Narcísica de Desempregados e a Construção de Imagens de si nas Redes Sociais. *Rev. Subj.* vol.20 n.2. Doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i2.e9272
- Lima.A,R.M.,Souza.R,M.,&Nunes.C,F. (2020).Repercussões dos determinantes sociais da Saúde Mental das imigrantes Haitianas em Goiás.*Rev. Nufen: Phenom. Interd.* | 12(3), 53-70. Doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo75.
- Macedo, R.A.,Costa, B,T.F., &Justo, S.J.(2019). O mototaxista no mundo do trabalho: precarização, desemprego e informalidade. *Revista Subjetividades*, 19(1): e 7257. Doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e7257
- Magalhães.V,C,L.,& Gomes.L.(2018). Desemprego e saúde mental: uma análise temática no Brasil.*Intervozes: trabalho, saúde, cultura*. Petrópolis, v. 3, n. 1, p 64-87.
- Miranda.M,M.M; Medeiros.D,S,W.M.,& Coelho-Lima.F.(2021). A Vivência da demissão para trabalhadores desempregados no interior do nordeste. *Rev. Psicol., Organ. Trab.* vol.21 no.1 Brasília jan./mar. Doi.org/10.5935/rpot/2021.1.21467
- Oliveira, N.M., Catão, B,G.C., & Dutra. S,M.E.(2018). Produção acadêmica sobre a desocupação em jovens recém-graduados: análise fenomenológico-existencial.*Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*. XXIV(3): 390-401, set-dez. Doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.13

- Peres,S.R., Silva,A.J.,&Carvalho,R,A.M.(2003). Um olhar psicológico acerca do desemprego e da precariedade das relações de trabalho. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(1):97-110
- Safatle, V.,Junior, S.N.,&Dunker,C.(2020): *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*.Belo Horizonte.Autêntica.
- Safatle, V.,Junior, S.N.,&Dunker, C.(2018). *Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte. Autêntica Editora.
- Schamidt, G,L.M.,Januário, M, R, A.C.,&Rotary,U.L.(2018). Sofrimento psíquico e social na situação de desemprego.*Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. vol. 21, n. 1, p.73-85.DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v21i1p73-85
- Schlindwein, C.D.L.V.,Oliveira. S, K, A.,Brandão.V,R,C.,Ribeiro. Q,C,J.,Santos.B, K,K., & Dourado,Q.M.(2021). O sofrimento psíquico de trabalhadores em situação de desemprego em Porto Velho - Ro.*Revista de Psicologia*. v.12 n 2, p. 25-42. jul./dez.
- Souza, T.M.,Silva, D.M., & Carvalho,R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Revista Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.
- Sousa,M,M.L.,Vieira-Marques,A,M.C.,Severo,P,S.S., & Antunes,V.A.(2017):A Metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem.*Revista de Investigação em Enfermagem*.nº21 Série 2.
- Troyano, A.A. (1992).Pesquisa de emprego e desemprego metodologias, conceitos e aferições dos resultados. *São Paulo em Pespectova*, 6(4):124-134.
- Tolfo, S. R. (2019). Significados e sentidos do trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. (Org.). *Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações*. Belo Horizonte: Editora Artesã. p. 617-625.
- Zanelli, C.J., Andrade, B.E.J.,& Bastos,B.V.A.(2014). O trabalho e as organizações: atuações a partir da psicologia. 2ed [livro eletrônico]. Porto Alegre - Artemed.

TABELA 1. Artigos incluídos na pesquisa por correlação entre desemprego e sofrimento psíquico.

Título do artigo	Autores/Ano	Objetivo	Resultados
As vivências do desemprego entre trabalhadores no interior do Rio Grande do Norte	Coelho-Lima et al. (2019)	Analisar a vivência do desemprego entre trabalhadores em um município interiorano.	Os afetos são ambíguos e as principais estratégias de sobrevivência são a realização de trabalhos informais e dependência do auxílio financeiro da família
O mototaxista no mundo do trabalho: precarização, desemprego e informalidade.	Macedo et al. (2019)	Problematizar a informalidade no trabalho do mototaxista como um dos mecanismos de precarização do trabalho nos dias atuais.	A situação de trabalho dos mototaxistas reflete, a fase informalidade. Opção forçada que se torna trabalho atraente e gratificante, sobretudo por propiciar sensação de maior autonomia e liberdade.

Sofrimento psíquico e social na situação de desemprego.	Schmidt et al. (2018)	Identificar fatores de sofrimento psíquico-social no desemprego.	Após a análise de todos os dados obtidos, chegou-se à conclusão de que o fator psíquico é mais afetado pelo desemprego. Sentimentos de vergonha, incapacidade, tornar-se dependente de alguém ou de uma ajuda foram as principais consequências geradas pelo desemprego entre os participantes deste estudo.
Precarização Social e Fragilização Psíquica na Situação de Desemprego Severo no Município de Corumbá, Brasil.	Figueiredo & Filho. (2021)	Identificar a presença de sofrimento psíquico e social, bem como analisar a ocorrência de sentimentos e de impactos sociais decorrentes da busca frustrada por emprego no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul	Maior chance de desfiliação conforme o tempo de desocupação e o descrédito interiorizado pelos que perderam a posição de assalariados/trabalhadores, os sintomas de mal-estar psíquico expressos na vergonha, culpa, tristeza, aflição e agonia alertam para o impacto social da política econômica excludente.
Repercussões dos determinantes sociais na saúde mental das imigrantes haitianas em Goiás.	Lima et al. (2020)	Descrever e analisar as condições de vida das haitianas e compreender suas implicações na saúde mental dessas mulheres.	O desemprego foi o principal fator de sofrimento psíquico e estabelecer boas relações com os brasileiros foi o principal fator de proteção à saúde mental. Apesar das dificuldades, a maioria das haitianas tem uma percepção de bem estar vivendo neste país.
Produção acadêmica sobre a desocupação em jovens recém-	Oliveira et al.	Realizar levantamento bibliográfico do que se	A maioria dos estudos se volta para a decodificação

<p>graduados: análise fenomenológico existencial.</p>	<p>(2018)</p>	<p>tem produzido sobre a temática da desocupação, tomando como ponto de partida, a análise de estudos com recém-graduados que se encontram nessa situação e possibilitar uma problematização à luz da perspectiva fenomenológico-existencial</p>	<p>de taxas e estatísticas, que analisam o fenômeno como algo fechado e objetivado e não enquanto um caminho de compreensão da experiência das pessoas.</p>
<p>A vivência da demissão para trabalhadores desempregados no interior do Nordeste.</p>	<p>Miranda et al. (2021)</p>	<p>Analisar a vivência da demissão por trabalhadores desempregados em municípios interioranos.</p>	<p>A comunicação prévia da demissão, permitindo um tempo para planejamento e desvinculação afetiva dos trabalhadores; a esperança em conseguir um novo emprego ou fonte de renda; e a valorização de outras esferas de vida, principalmente, a família.</p>
<p>A ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si nas redes sociais.</p>	<p>Junior & Ribeiro (2020)</p>	<p>Responder como se dá a dinâmica de busca por reconhecimento em redes sociais como: Facebook e no LinkedIn, para indivíduos em situação de desemprego</p>	<p>É comum usar o Facebook e o LinkedIn de forma a tentar tamponar a ferida narcísica, na sua imagem para o outro, que o desemprego representa. Fazem isso pela construção de imagens de si, selecionando o que publicam e elidindo, no geral, seu sofrimento.</p>